

## **PLANO DE ENSINO PARA EJA**

### **I- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

**Escola:** X

**Educadoras:** Andrea Trevisani Gonçalves e Marta Regina Schaedler

**Turma:** EJA (anos iniciais)

**Ano letivo:** 2014 (2º semestre)

**Dias:** 3 dias

### **II- OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Entender o que é fluxo migratório;
- Compreender as principais motivações que levam as pessoas a migrar;
- Analisar dados com bases na história de cada família na sala de aula;
- Aprimorar a leitura e a escrita, fazendo o aproveitamento e levantamento de fatos da própria história;
- Compreender e utilizar corretamente o dicionário.
- Estabelecer conexões entre o passado e o presente.

### **III- OBRA LITERARIA:** História de avô e avó

**TÍTULO:** O ábaco do vô Felipe

**AUTOR(A):** Arthur Nestrovski

**EDITORA:** Companhia das letrinhas

**ANO:** 1998

#### **CONTEXTO:**

Quando escreveu este livro em 1998, as filhas dele, Livia e Sofia, ainda eram pequenas. Felipe, filho da Inês, mulher dele, também. Hoje estão todos grandinhos; então talvez não demore muito para que Arthur vire avô. Vai ser o máximo ler e inventar histórias de avô e avó para contar para os netos.

#### **DADOS DO AUTOR:**

*Histórias de avô e avó* foi o primeiro livro para crianças que Arthur Nestrovski escreveu, em 1998. De lá pra cá, saíram outros sete livros dele, incluindo *O livro da música* e *Viagens para lugares que eu nunca fui* (ambos pela Companhia das Letrinhas) e *Bichos que existem e bichos que não existem* (que também tem ilustrações da Maria Eugênia e ganhou o prêmio Jabuti do Livro do Ano em 2003). Isso é metade da história. A outra metade é música: Arthur é compositor e Violinista. Faz shows e grava discos ao lado de artistas como Zélia Duncan, Tom Zé e Zé Miguel Vinski. Viaja pelo Brasil e para o exterior sempre tocando. Ele era o diretor musical do programa Vila Sésamo, da TV

Cultura.

#### IV- CONTEÚDOS PARA DISCIPLINAS:

- História: Migração.
- Geografia: Localização dos países no mapa mundo.
- Português: Interpretação de textos e redação, leitura, escrita; uso do dicionário.
- Matemática: Gráfico e noção de tempo.

#### V- ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS:

##### 1º dia

- Trabalharemos no livro "História de avó e avô" com a história O ábaco do vô Felipe;
- Após leitura individual e coletiva, faremos uma discussão sobre a história, em que os educandos poderão expor sua opinião sobre o texto, levantando dúvidas e debatendo pontos principais da história como a migração, localização, culturas;
- Com registro no caderno, trabalharemos o conceito de migração:

##### **O que é migração?**

Desde o início da história, a humanidade se desloca em grupos à procura de caça e outros alimentos.

O termo **migração** corresponde à mobilidade da população na superfície terrestre. Migrar significa se deslocar entre cidades, Estados e países.

Ainda hoje, os povos nômades não habitam um único lugar fixo e deslocam constantemente, sobretudo, nos desertos.



##### **Responda:**

- a) Você conhece pessoas que realizaram migrações ao longo de suas vidas? Para onde elas foram? De onde elas vieram? Relate em forma de texto e socialize com os colegas.
- b) Você é capaz de identificar as motivações que levaram essas pessoas a migrar?

- Com o auxílio de um Mapa mundo, localizar com os educandos os países citados na história, possibilitando aos mesmos a percepção dos diferentes continentes que existem.



- Texto informativo sobre a Imigração no Brasil, para registro no caderno.

## IMIGRANTES NO BRASIL

A imigração no Brasil começou no século XVI com a chegada dos primeiros colonos portugueses e os primeiros escravos africanos. Somados aos indígenas, africanos e europeus formaram a base da constituição étnica do brasileiro.

Depois dos portugueses, os italianos formam o segundo grupo europeu mais numeroso que entrou Brasil. Vieram, principalmente, para São Paulo, para trabalhar nas lavouras de café, e para o Rio Grande do Sul.

Franceses, espanhóis e ingleses também entraram no Brasil e se fixaram em São Paulo e no Rio de Janeiro. Os alemães se concentraram na região Sul, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, e os escravos (poloneses, ucranianos e russos), no Paraná.

Muitos desses imigrantes escolhiam o Brasil fugindo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que assolaram o continente europeu.

Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/culturamuseusmemorial-imigrante>>. acesso em: 23/10/14

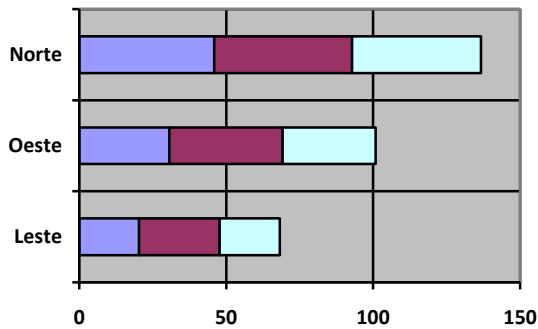
- Construir coletivamente com os educandos uma linha do tempo, apontando historicamente como se deu o processo de migração dos povos europeus para o Brasil. Pontuando principais fatores ocorridos.

### 2º dia:

- Para iniciarmos a aula, trabalharemos com o vídeo: História da Imigração no Brasil, em que será possível obter maiores informações e esclarecimentos sobre o tema abordado na aula anterior.
- Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ttSOtuqNmxE>.
- Após assistir o vídeo, a proposta aos educandos será de examinar os grupos migratórios que vieram até o Brasil nos períodos de 1970 e 1980 e após 1991, verificando algumas mudanças importantes, registrando as suas conclusões no caderno.
- Em seguida, organizar os dados levantados em sala de aula, ( ex.: fazer uma pesquisa entre os alunos sobre a origem de cada família) estes dados serão organizados em forma de gráfico de barras (linhas ou colunas) que destaque os lugares de origem de cada família, com registro no caderno.
- Realizaremos uma discussão coletiva sobre os resultados obtidos, assinalando os países com maior número de migrantes. As causas mais frequentes de deslocamentos e as dificuldades ou oportunidades encontradas no lugar de destino (trabalho, moradia, relações sociais, etc.). Estabelecendo relações entre os movimentos migratórios e os processos de urbanização ocorridos no país (Brasil).
- Terminada as discussões, os educandos deverão elaborar uma síntese com as principais conclusões.

Exemplo de gráfico a ser usado:

Alemães	
Italianos	
Russos	
Africanos	
Japoneses	



### 3º dia

- Socialização da síntese dos educandos, cada educando deverá comentar os pontos de maior interesse, considerando que todo o estudo envolveu a história de cada família (a sua história);
- Em seguida fazer registro de texto no caderno para posterior estudo.

## O BRASIL E SUAS ETNIAS

O Brasil foi historicamente constituído a partir da fusão de muitas etnias. Mas o que é uma etnia? Em primeiro lugar, o conceito de etnia é diferente do conceito de raça. O que caracteriza a etnia são fatores culturais, como tradição, língua e identidade.

O que distingue a raça, segundo fatores biológicos é a cor da pele, o tipo do cabelo, etc. por outro lado, acreditamos que as diferenças, mais do que dados biológicos, são construções sociais, culturais e políticas. E que devemos aprender a olhar a diversidade humana, a partir das particularidades (diferentes cores de pele, tipos de cabelo, etc.) e não pela forma hierarquizada (perfeições e imperfeições, beleza e feiura, inferioridade e superioridade).

### **Os membros de uma etnia compartilham valores culturais próprios e se comunicam por meio de uma língua que é também própria**

Muito antes de os colonizadores europeus chegarem no Brasil, já existia uma multiplicidade étnica entre os povos que aqui viviam.

Os povos indígenas, de origem asiática, eram constituídos de centenas de etnias, o que significava uma enorme diversidade cultural. Ainda hoje encontramos mais de duzentas etnias indígenas.

Da mesma forma, as populações de origem africana que vieram para o Brasil pertenciam a inúmeras etnias portadoras de costumes, crenças e idiomas diferentes, que muito contribuíram para a formação da cultura brasileira.

O mesmo pode-se dizer de outros povos que para cá vieram: primeiro os colonizadores portugueses, espanhóis e outros de origem europeia. E, posteriormente, grupos de pessoas vindas das mais diferentes partes do mundo e, por isso, tão diferentes entre si.

Essa diversidade étnica que formou a população brasileira teve como resultado uma vasta riqueza artística e cultural. Nossas músicas, culinária, crenças e o próprio modo de ser são exemplos disso.

LARAIA, Roque de Barros. **Comemorações do 5to centenário do descobrimento do Brasil**. Disponível em: <http://www.vivabrazil.com.br/500htm.Adaptado>.

#### PALAVRAS QUE USAMOS...

DE ORIGEM INDÍGENA: abacaxi, mandioca, Iguatemi, jacaré, Itapuã, sabiá, tietê, urubu, piranha...

DE ORIGEM ITALIANA: cantina, carnaval, macarrão, salsicha, bandolim, violino, mortadela...

DE ORIGEM AFRICANA: dendê, quiabo, quilombo, quitanda, moleque, tanga, caçula, acarajé, candomblé...

DE ORIGEM FRANCESA: tricô, crachá, avenida, omelete, menu, restaurante, vitrine...

1- Ao ler o texto encontramos algumas palavras que usamos pouco em nosso dia a dia e outras que usamos sempre, mas será que sabemos os significados delas?

- Vamos encontrar as palavras juntos e depois procurar o significado de cada uma delas no dicionário:

Ex.: a) fusão:

b) etnia:

c) diversidade:

etc...

2- As populações de origem africana que vieram para o Brasil pertenciam a inúmeras etnias com costumes, crenças e idiomas diferentes que muito contribuíram para a formação da cultura brasileira.

- Faça uma lista, com a ajuda do alfabetizador dos costumes de origem africana que são mais comuns na sua vida:

3- Pesquise palavras de origem estrangeira (além das que constam no quadro acima) que usamos no dia a dia e liste segundo sua origem:

## VI- AVALIAÇÃO:

Instrumentos	Critérios
Registro	Avaliar a prática de escrita por meio do registro dos textos e da síntese realizada.
Pesquisa	Capacidade de obter dados, analisá-los para depois tabular os dados.

## VII- REFERÊNCIAS:

GONÇALVES, Jane Terezinha Santos. **Alfabetiza Brasil/** Jane Terezinha Santos Gonçalves; Ilustrador: Reinaldo Rosa. – Curitiba: Módulo Editora, 2009.

Nestrovski, Artur. **Histórias de avô e avó** / Artur Nestrovski; ilustrações de Maria Eugenia. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998. - Coleção Memória e História.

Projeto identidade: **EJA – Educação de Jovens e Adultos:** anos iniciais do ensino fundamental: multidisciplinar, volume2. – 1ª ed. – São Paulo: Ática, 2009.

<https://www.youtube.com/watch?v=ttSOtuqNmxE>. acesso em: 11/10/2014.

[www.pt.slideshare.net/Anaelita/plano-de-aula-slide-tv-escola](http://www.pt.slideshare.net/Anaelita/plano-de-aula-slide-tv-escola)  
acesso em: 12/10/2014.

[www.eja.educacao.org.br/.../Planos%20de%20Aula%20-%20Oficinas%20-%20EF/CH\\_EF/OFICINA\\_CH\\_EFMIGRAÇÕES\\_aluno.pdf](http://www.eja.educacao.org.br/.../Planos%20de%20Aula%20-%20Oficinas%20-%20EF/CH_EF/OFICINA_CH_EFMIGRAÇÕES_aluno.pdf) acesso em: 11/10/2014.

## VIII- ANEXO:

### O ÁBACO DO VÔ FELIPE

Três vezes por ano meus pais me levavam até a casa do vô Felipe e da vó Póli para comemorar as festas judaicas. Meus pais nunca ligaram muito para a tradição. Minha irmã e eu também não. Mas a gente sempre ia a essas festas, porque meus avós ligavam; e também era uma chance da família inteira se reunir.

O vô Felipe e a vó Póli eram os pais do meu pai. Eles nasceram na Ucrânia, que naquela época fazia parte da Rússia. Para escapar de lá, onde muitos judeus foram perseguidos – só porque eram judeus! -, eles se rastejaram, escondidos, através de uma plantação. Cruzaram a fronteira e pegaram um navio para o Brasil. Acabaram indo morar em Porto alegre.

O que você faria se tivesse de se mudar sozinho para a Rússia? Ia ficar apavorado, não ia? Pois muita gente veio da Rússia e de outros países para o Brasil no fim só século passado ou no início deste. Lá na Europa não havia trabalho para todo mundo e as pessoas estavam passando fome; ou eram perseguidas, como meus avós, por seguirem outra religião. Precisava ter muita coragem para sair de lá e se mudar para tao longe, como o Brasil ou os Estados Unidos. Devia ser tão estranho para eles como seria para nós ir morar na Rússia.

Quando o vô Felipe e a vó Póli chegaram ao Brasil, só falavam russo e ídiche. Tiveram de ser virar para aprender português e conseguir ganhar a vida. No começo, o vô Felipe vendia tecidos de porta em porta. Acabou juntando dinheiro e abriu loja no centro da cidade.

Nas tardes em que minha mãe me levava ao centro para fazer compras, passava sempre comigo na loja. Era uma sala comprida, um pouco escura, com rolos grandes de tecido nas prateleiras. Meu avô pegava os rolos para mostrar aos clientes, e eles faziam um barulho gostoso quando caíam pesados no balcão.

Eu adorava ver aqueles metros e metros de tecido colorido; mas o que eu mais gostava, mesmo, era da máquina de calcular do vô Felipe. Naquela época, ainda não existiam calculadoras como as de hoje, muito menos computador. No canto do balcão, ficava uma máquina registradora, dessas que a gente ainda vê de vez em quando em lojinhas antigas. Tinha muitas teclas de números e uma manivela grande do lado, que fazia triiimm quando alguém acabava a conta.

Mas não é dessa máquina que estou falando. Os funcionários faziam contas na registradora, mas o meu avô usava outra coisa, muito mais simples: uma armação de madeira com fileiras de arame onde corriam umas bolinhas. Era o que se chama de ábaco, uma das máquinas de calcular mais antigas que existem. Até hoje ainda usam esses ábacos na china, na Rússia e em alguns outros países.

Nunca entendi bem como fazer contas no ábaco. O que eu sei é que cada bolinha movida de um lado para outro da fileira representa uma unidade, uma dezena, uma centena, e assim por diante. As contas são feitas movendo e contando as bolinhas.

O mais impressionante era o seguinte: meu avô fazia contas no ábaco mais rápido do que os funcionários na registradora. E a registradora, claro, fazia a conta sozinha, mas o ábaco não. O ábaco só ajudava; quem fazia as contas, mesmo, erro a vô Felipe.



Na certa ele ia perder agora de qualquer calculadora. Mas tenho certeza de que não trocaria o ábaco por nada. Porque não servia só para ajudar nas contas. Era um mundo inteiro que meu avô tinha trazido da Rússia. A cada conta, era como estivesse de novo naquele mundo, que ele deixaria para trás mas que de certa forma nunca deixou.

Na época que meus avós chegaram ao Brasil, por volta de 1920, praticamente não havia automóveis. Os poucos que havia eram daquele tipo bem antigo, grandões, pretões, com pneus duros. Vinte anos depois, a paisagem era outra. Ainda não havia nem a metade da metade do que a gente vê hoje por aí, nas ruas. Mas os carros eram cada vez mais modernos e mais numerosos.

Num dia de sorte, me avô comprou um bilhete de loteria e ganhou o primeiro prêmio. Foi a única vez que alguém da nossa família ganhou algum prêmio em concurso. Isso já foi um pouco depois, acho que em torno de 1950. E sabe o que ele resolveu fazer? Resolveu comprar um carro.

O vô Felipe nunca havia dirigido um automóvel. Lá na Ucrânia, ele tinha uma charrete, puxada a cavalo; e isso era tudo o que ele sabia dirigir de um veículo. Mas pôs na cabeça que queria um carro. E quando um velho russo como meu avô põe na cabeça que quer alguma coisa, é muito difícil fazê-lo mudar de ideia.

Pois foi em frente e comprou. O pessoal da revendedora levou o carro até a casa deles, lá no bairro do Bonfim. Um automóvel novinho em folha, reluzente. Foi aquela sensação. Minha avó saiu para ver. Tinha sido contra o plano de ter um automóvel, mas agora que a novidade estava ali, espetacular, brilhando ao sol no jardim, até ela se comoveu um pouco. “Imagine só”, dizia. “Sair da Rússia sem nem um tostão e agora poder comprar um carro!”

Meu pai, irmão e a irmã dele também ficaram muito orgulhosos. Não era qualquer um que comprava um carro em 1950. Um carro era uma coisa especial.

O mais calmo de todos era meu vô Felipe. Ficou fingindo que não era nada de mais. Que ele era um homem que tinha todo direito de ter um automóvel.

Só havia um problema: ninguém sabia dirigir. E meu avô, que era muito confiante em si e muito teimoso, não era do tipo que aceitaria entrar numa escola àquela altura da vida. Vejam só como são as pessoas: não sabia dirigir, mas não aceitava aprender, se não fosse sozinho. Dizia que já tinha dirigido uma charrete durante muitos anos e que um carro era só uma charrete de metal.

Já deu pra imaginar o que aconteceu? Ele entrou no seu carro novo, pôs a chave na ignição e ligou o motor. O carro pegou: um espanto! Fazia um barulho bonito, um som forte de máquina. Mas não saía do lugar. Óbvio: porque estava em ponto morto. Mas o vô Felipe já tinha andado em carros de outras pessoas, tinha observado o que elas faziam e sabia que era preciso mudar a marcha para o carro se mexer. A questão dos pedais era um pouco mais delicada. Mas não podia ser tão complicada assim... Ele engatou primeira, acelerou e tirou o pé da embreagem. O carro deu um pulo e entrou de frente no muro do jardim! Botou o murinho abaixo!

Foi o bastante para o vô Felipe desistir da aventura. Ele, que tinha vindo do outro lado do mundo nas piores condições, tinha criado uma vida nova num outro país, tinha se dado bem onde tudo podia dar errado, desistiu do automóvel na primeira tentativa. Não era mais coisa para ele, dizia, entre irritado e encabulado.

Dirigir um automóvel podia não ser um mistério, mas já não era algo que estivesse disposto a aprender. Um pouco como o computador, hoje, para muita gente de mais idade. Dá uma certa preguiça de descobrir como aquilo funciona e uma preguiça maior ainda de ficar treinando até conseguir manobrar a novidade direito. É como aprender uma língua nova, ou como se mudar para outra cidade. No fundo, é um pouco como inventar uma vida nova para si. Não era mais coisa para ele, dizia o vô Felipe. Era para os filhos dele, e para os netos.

Mais uma história do vô Felipe. A última comigo, porque ele morreu pouco tempo depois. Eu tinha onze anos e estava me preparando para a prova: queria trocar de escola. Era um exame para entrar na sexta série do Colégio de Aplicação. Estava nervoso, na véspera, quando o vô Felipe e a vó Póli foram nos ver. Meu avô puxou conversa sobre o teste. Disse a ele que estava preocupado. “Não há por que ficar nervoso”, respondeu. “Para cada pergunta, há milhares de respostas erradas; mas só existe uma certa. Tudo o que você tem de fazer é botar a resposta certa.”

Nem sempre eu sei a resposta certa para as coisas. Não sabia, no exame, e até hoje continuo fazendo coisas erradas, como todo o mundo. Mas, vinte anos depois de ter acabado de estudar no Colégio de Aplicação, continuo achando que sem o vô Felipe eu não teria passado. Pensando bem, ele não me ensinou nada que eu já não soubesse. Mas, na hora H, foi aquela conversa com meu avô que fez toda a diferença.

Nestrovski, Artur. **Histórias de avô e avó** / Artur Nestrovski; ilustrações de Maria Eugenia.

1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998. - Coleção Memória e História.

**Observação:**

O presente plano de ensino tem por objetivo a formação crítica do estudante, em que a proposta se baseia em levar o estudante a analisar e buscar compreender os motivos que levaram as mais diversas etnias a migrarem para outros continentes. Entendendo assim, o contexto histórico ao qual estamos inseridos atualmente e fazendo ligações com eventos ocorridos no decorrer da história.